

19.06.2026

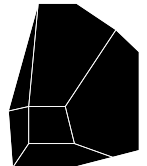
21:00 sala suggia

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Henrique Constância direção musical

casa da música



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Modest Mussorgski

Noite de São João no Monte Calvo (1867; c.12min)

Nikolai Rimski-Korsakoff

Capricho Espanhol, op. 34 (1887; c.15min)

1. Alvorada –
2. Variações –
3. Alvorada –
4. Cena e canto cigano –
5. Fandango asturiano

Gioachino Rossini

Abertura da ópera *Guilherme Tell* (1829; c.12min)

Felix Mendelssohn

Abertura *Sonho de uma Noite de Verão, op. 21* (1826; c.12min)

Georges Bizet

L'Arlésienne (excertos das suites n.º 1 e n.º 2) (1872; c.18min)

- Prelúdio
- Adagietto
- Carrilhão
- Farândola

Uma Noite de São João

A celebração de uma data tão significativa para a cidade do Porto, a Festa de São João, não podia deixar de ser um momento de forte afirmação do tema que a Casa da Música tem desenvolvido ao longo desta temporada: *Raízes/Ressonâncias*, a arte da música sob a inspiração das tradições populares. A obra de Mussorgski é uma referência a lendas da Noite de São João em paragens mais a Leste, e inclui traços da música popular russa. O restante concerto ilustra a presença da tradição noutras obras musicais, entre as sonoridades espanholas, as danças da Provença e aquela que se tornou a cavalcada mais célebre da história da música.

A primeira obra deste programa evoca os rituais pagãos que marcam a celebração do Solstício de Verão, o nosso São João. É uma ilustração do Sabá das Bruxas, uma assembleia orgiástica que, segundo as crenças populares, poderia incluir danças, sacrifícios humanos, profanação de elementos religiosos e corpos em voo sobrenatural. Frequentemente associada às vésperas de celebrações cristãs (como é o caso, também, da noite das bruxas antes do Dia de Todos os Santos) ou ao Carnaval, esta lenda percorreu os séculos e alimentou a «caça às bruxas», no período da Inquisição, mas também uma vasta produção artística.

O compositor russo **Modest Mussorgski** (1839-1881) foi um dos artistas fascinados por esta temática fantástica, inicialmente com a intenção de criar música de cena para uma peça teatral intitulada *A Bruxa*,

de Georgy Mengden, um dos seus camaradas do exército. Mais tarde regressou à ideia com a intenção de a transformar numa peça orquestral, à qual se referia como «As Bruxas» na sua correspondência. Compôs a música entre 1866 e 1867, terminando-a precisamente no dia 23 de Junho, e descreveu-a como «russa e original (...), quente e caótica». Tinha de facto orgulho nela e considerava-a puramente nacional, livre da influência alemã, «cultivada no solo do nosso país e alimentada de pão russo».

Desde o início, porém, encontrou reacções negativas de personalidades de referência, como o compositor e maestro Balakirev, que se disponibilizou a dirigir a obra apenas se lhe fossem feitas alterações significativas. O compositor recusou e renunciou à execução da partitura, crença que estava na sua qualidade, deixando mesmo de submeter as novas criações à aprovação de Balakirev. A verdade é que se generalizou, no meio musical russo da época, a ideia de que Mussorgski era um artista brilhante mas um amador que, para lá das pequenas formas como as canções (que escreveu em grande número), não reunia os recursos técnicos necessários para compor música de dimensão orquestral. Assim, presumiu-se a legitimidade para edições póstumas à sua obra, valorizando o seu potencial mas menosprezando a realização pelo seu autor. O grande e influente compositor Nicolai Rimski-Korsakoff, outro dos seus mentores — que elogiava a música de Mussorgski mas lhe criticava a «harmonia absurda e desconexa, a condução de vozes

feia» e a «total impotência técnica» —, decidiu tomar em mãos a reescrita desta música, até de forma altruísta e por vezes anónima, com a sincera intenção de dar a conhecer o seu talento e sem obter provento desse trabalho. Concluiu a ópera *Khovanshchina* e editou várias outras peças, como a ópera *Boris Godunov* e as *Canções e Danças da Morte*. A sua versão da *Noite de São João no Monte Calvo* (intitulada *Uma Noite no Monte Calvo*) é, em medida considerável, uma nova composição baseada não na partitura original, mas sim numa versão posterior que o próprio Mussorgski tinha preparado (numa tentativa frustrada de salvar a ideia e integrá-la noutro projecto). Quanto à peça original, ainda hoje é apresentada com muito menor frequência do que a versão de Korsakoff e apenas foi publicada em 1968, um século depois da sua escrita.

Não é o que acontece esta noite, em que a Orquestra Sinfónica nos traz as páginas originais de Modest Mussorgski. Trata-se de um poema sinfónico, ou seja, uma obra para orquestra que se inspira ou pretende contar uma história, sendo um dos primeiros poemas sinfónicos assinados por um compositor russo. Representa um ritual de bruxas que se desenrola precisamente na noite de São João — uma festividade que vem de tempos imemoriais nas culturas eslavas com o nome «Kupala», como se apresenta em muitas outras culturas sob outras designações, e que assinala a noite mais curta do ano. A influência das danças tradicionais é notória e está presente nos ritmos marcados e na agitação crescente que traduz o frenesim da ocasião. Note-se que o original explora este carácter orgiástico

com uma aspereza e uma crueza que serão suavizadas na versão de Rimski-Korsakoff. A agitação mantém-se até ao fim, diferindo muito do final anticlimático e quase religioso que Korsakoff propõe.

Apesar de ser hoje facilmente questionável todo este processo de edição póstuma (ou adulteração) de uma criação artística original, a verdade é que devemos a Rimski-Korsakoff a possibilidade de hoje ouvirmos esta obra que, de outro modo, teria ficado perdida no tempo — incluindo a oportunidade de conhecermos a peça original em que Mussorgski acreditava e que recusou alterar.

O alinhamento prossegue precisamente com **Nikolai Rimski-Korsakoff** (1844-1908), figura central da música russa entre o final do século XIX e o início do século XX. Na sua vasta obra destacam-se óperas e obras para orquestra, que evidenciam a sua infundável criatividade no tratamento das paletas orquestrais. As suas composições mais célebres foram escritas entre 1887 e 1888: *Capricho Espanhol* op. 34, *Shéhérazade* op. 35 e *A Grande Páscoa Russa*. Foi um dos membros do Grupo dos Cinco, fundado por Balakirev, que pretendia afirmar as características nacionais russas na música. Mas o *Capricho Espanhol* é uma viagem a um outro país, que este compositor nunca visitou fisicamente. Fê-lo de uma outra forma, ao conhecer um conjunto de melodias populares espanholas reunido e publicado por José Inzenga (*Ecos de España, colección de cantos y bailes populares*). A obra desenvolve-se ao longo de cinco andamentos que devem ser tocados sem interrupção.

Começa com «Alborada», uma dança animada criada a partir de temas tradicionais das Astúrias e que coloca em evidência o clarinete e o violino. Seguem-se as «Variações», construídas sobre um melancólico tema em jeito de canto popular, apresentado em primeiro lugar pelas trompas e depois percorrendo outros naipes. Depois de uma reaparição da «Alborada», que se diferencia da primeira pela instrumentação e pela tonalidade, surge «Cena e canto cigano», iniciada por um rufo nas percussões e cadências de vários instrumentos solo, com melodias claramente inspiradas na música cigana, terminando numa dança em tempo ternário. Esta liga-se ao «Fandango asturiano», também em compasso ternário, terminando a obra em apoteose.

A popularidade arrebatadora da ópera italiana deve muito ao grande compositor **Gioachino Rossini** (1792-1868). A última ópera que escreveu, em 1829, foi *Guilherme Tell* e tornou-se um êxito retumbante. Mas, ao contrário do que normalmente acontece, a sua abertura não é constituída por um conjunto de temas da ópera e não serve como apresentação resumida do drama. É uma peça independente e um verdadeiro poema sinfónico, dividido em quatro partes. Na primeira, um quinteto de violoncelos procura representar o nascer do Sol sobre os campos suíços. Estala depois uma tempestade, com toda a sua violência e irrompendo progressivamente por toda a orquestra, que ilustra o vento impetuoso. O seu fim gradual dá espaço a uma cena pastoral e idílica, conhecida como o canto dos vaqueiros suíços, em que uma melodia

tranquila é apresentada pelo corne inglês, dando suporte ao canto alegre da flauta. No final, uma fanfarra de trompetes introduz a célebre «marcha dos soldados suíços», enérgica e exuberante, que representa a sua vitória na batalha pela libertação. A obra termina, assim, com aquela que é provavelmente a cavalcada mais enérgica e famosa da história da música.

Apesar da vida breve, **Felix Mendelssohn** (1809-1847) foi capaz de construir uma obra extensa e uma carreira bem-sucedida como maestro. Aos 13 anos começa a publicar a sua música e aos 20 já são conhecidos três quartetos com piano, um ciclo de canções, a 1.ª Sinfonia em Dó menor, o significativo Octeto para cordas e a famosa abertura *Sonho de uma Noite de Verão* para orquestra. Esta última foi escrita em 1826, após a leitura da peça de Shakespeare e a assistência a uma produção da mesma em Berlim, numa fase em que o compositor, ainda adolescente, nutria um fascínio pela obra do dramaturgo inglês. Trata-se da primeira peça concebida para a sala de concertos que procurava reflectir o enredo de uma obra dramática — sendo que a música de cena completa para uma produção da peça teatral propriamente dita seria realizada por Mendelssohn apenas em 1842. Os temas musicais desta Abertura sugerem um ambiente de encantamento, evocando o esvoaçar das fadas, mas também um lado mais terreno que ilustra os amantes.

L'Arlésienne é um conto de Alphonse Daudet (1840-1897), publicado pela primeira vez nas suas *Lettres de mon moulin*, em 1869. Em 1872, o autor transformou este conto num apaixonado drama cénico em três actos, cuja acção decorre na Provença rural e picaresca de meados do século XIX. Uma rapariga de Arles, sensual e com fama de leviana, é desejada por dois jovens camponeses: Fréderi e seu irmão menor, um personagem sem nome, que é referido apenas como o Inocente. Ao amor inflamatório de Fréderi pela Arlesiana contrapõem-se os valores morais duma sociedade rural e provinciana, que inviabilizam o casamento de um jovem solteiro com uma mulher que já tinha sido casada. Tragicamente, é o próprio Fréderi quem mais se recrimina pelo facto de se ter apaixonado por esta rapariga de Arles. Angustiado e dilacerado internamente, suicida-se no auge do drama, subindo velozmente as escadas da sua casa perante os gritos de sua mãe, para se precipitar tresloucadamente da varanda do primeiro andar, caindo morto no pátio. A cena do suicídio dá-se quando a multidão embriagada dança uma agitada Farândola no largo da aldeia. Esta é a trama geral da *Arlesiana* de Alphonse Daudet, obra para a qual o empresário Léon Carvalho convidou **Georges Bizet** (1838-1875) a escrever música de cena. Bizet terá imediatamente reconhecido a presença duma *femme fatale*, na linhagem da sua sedutora *Carmen*, e lançou-se ao trabalho com inusitada rapidez e intensidade: em apenas quinze dias completou a música de cena — um conjunto de 27 pequenas peças para coro e orquestra. Desta viriam a nascer duas suites orquestrais,

ambas com quatro números autónomos: uma escrita em 1872 pelo próprio Georges Bizet (Suite n.º 1), outra composta em 1879 (quatro anos após a sua morte) pelo famoso orchestrador e amigo do compositor Ernest Guiraud (Suite n.º 2).

A primeira suite abre com um ciclo de variações sobre o enérgico tema de Natal «*Marche des rois*», uma melodia popular de origem incerta, occitana ou espanhola, ou mesmo obra de Rameau ou do Rei René. A segunda secção do «*Prelúdio*», entregue ao saxofone, representa o Inocente; e a conclusiva terceira secção descreve musicalmente a melancolia sem esperança de Fréderi. No sentimental «*Adagietto*» para cordas, um par de antigos namorados de infância reencontra-se. Para o público parisiense da época, a Provença era um lugar tão exótico como a Espanha ou a Andaluzia, pelo que Bizet se sentiu livre para incorporar cores instrumentais e melodias da música popular da Provença, dos Pirenéus e da Catalunha. O último andamento hoje interpretado é o quarto da Suite n.º 2 e funde o tema da *Marcha dos Reis* com o ritmo da *Farândola*, assim concluindo de modo apoteótico.

Notas ao programa por Fernando Pires de Lima (primeiras quatro obras) e Paulo de Assis (Bizet). Os autores não aplicaram o Acordo Ortográfico. © 2026, 2006.

Henrique Constância direção musical



Henrique Constância, maestro português natural da ilha de São Miguel (Açores), tem-se destacado pela versatilidade e pela energia das suas interpretações, com um repertório que abrange desde o Barroco à música contemporânea.

Iniciou o seu percurso musical como violoncelista, desenvolvendo desde cedo uma forte ligação à prática orquestral. Apresentou-se como maestro convidado com diversas formações, entre as quais a Orquestra do Algarve, Orquestra Filarmonia das Beiras, Sinfonietta de Braga, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Clássica do Centro e Orquestra Clássica da Madeira. Colaborou com solistas como o percussionista Pedro Carneiro, a soprano Sílvia Sequeira, a pianista Ásta Dóra Finnsdóttir e o guitarrista Carlos Gallén.

Foi maestro assistente da Orquestra de Câmara Portuguesa e da Jovem

Orquestra Portuguesa. Com esta última, dirigiu a estreia portuguesa de *Between Trees* (2021), de Kristine Tjøgersen, e apresentou-se na Konzerthaus de Berlim, no âmbito do festival Young Euro Classic, um dos mais prestigiados encontros de jovens orquestras europeias.

No âmbito do repertório do século XX e contemporâneo, integrou as celebrações do centenário de Iannis Xenakis apresentando *Pléiades*, com o grupo de percussão da Orquestra de Câmara Portuguesa, e dirigiu *A Sagração da Primavera* de Igor Stravinski, em colaboração com a Companhia Nacional de Bailado, com a coreografia original de Vaslav Nijinski.

Desde 2026, é membro do Dirigentforum, prestigiado programa de elite do Dirigentløftet na Noruega, dedicado ao desenvolvimento de novas gerações de maestros.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

O projeto artístico da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música assenta em dois pilares: a exploração do grande repertório sinfónico e um forte compromisso com a música dos nossos dias, através de colaborações estreitas com compositores contemporâneos e da apresentação de novas obras, partilhando o palco com prestigiados maestros e solistas. Mantém uma forte ligação à comunidade através de concertos para famílias, ensaios abertos e uma presença regular em vários municípios da Área Metropolitana do Porto. A sua discografia premiada centra-se no repertório português e nos compositores dos séculos XX e XXI.

A nova temporada da Orquestra Sinfónica move-se sob o tema Raízes/Resonâncias, explorando a forma como os compositores se inspiraram nas suas heranças culturais. O ciclo central é dedicado a Heitor Villa-Lobos, destacando-se a série *Bachianas Brasileiras* e a epopeia sinfónica *Floresta do Amazonas*, num concerto

que alia a música a uma criação visual da artista Bianca Dacosta, Artista em Residência. A retrospectiva dedicada ao Compositor em Residência permite conhecer a música fascinante de Hèctor Parra, incluindo obras que desafiam os formatos tradicionais. A programação vê-se enriquecida ainda com a integral dos Concertos de Brahms, célebres concertos para piano e para guitarra e um largo número de maestros e solistas convidados. Além do grande repertório sinfónico, apresentam-se propostas que expandem o horizonte da Orquestra, com pontes para o cinema, o universo dos videojogos, o jazz ou a criação visual em tempo real.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

VIOLINO I

Maxence Mourès
Emanuel Salvador*
José Despujols
Andras Burai
Tünde Hadadi
Alan Guimarães
Jorman Torres
Roumiana Badeva
Tomás Costa*
Raquel Santos*
Tiago Rodrigues*
Diogo Coelho*

VIOLINO II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Lilit Davtyan
Catarina Martins
Karolina Andrzejczak
Tatiana Afanasieva
José Paulo Jesus
Mariana Costa
Paul Almond
José Pedro Rocha*

VIOLA

Pedro Meireles
Biliana Chamlieva
Emília Alves
Hazel Veitch
Luís Norberto Silva
Rute Azevedo
Anna Gonera
Alexandre Aguiar*

VIOLONCELO

Feodor Kolpachnikov
João Cunha
Sharon Kinder
Bruno Cardoso
Hrant Yerosyan
Aaron Choi

CONTRABAIXO

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Altino Carvalho

FLAUTA

Paulo Barros
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

OBOÉ

Roberto Henriques
Sofia Brito*

CLARINETE

Carlos Alves
João Moreira

SAXOFONE

Fernando Ramos*

FAGOTE

Gavin Hill
Cândida Nunes

TROMPA

Nuno Vaz
José Bernardo Silva
Eddy Tauber
Hugo Carneiro

TROMPETE

Sérgio Pacheco
Rui Brito
Ivan Crespo
Luís Granjo

TROMBONE

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Tomé Correia*

TUBA

Sérgio Carolino

TÍMPANOS

Jean-François Lézé

PERCUSSÃO

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
Sandro Andrade*
Jaime Pereira*

HARPA

Ilária Vivan

*instrumentistas convidados

OPERAÇÃO TÉCNICA

Bruno Mendes (iluminação)
André Silva (palco)
José Vilela (palco)

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA



1% DO SEU POR UMA BOA CASA

NIF 507 636 295

PORQUÊ APOIAR?

A Fundação Casa da Música, para além da excelência artística, desenvolve um trabalho continuado com crianças e jovens, comunidades, públicos em situação de vulnerabilidade e pessoas com necessidades específicas. Todos os anos, através do Serviço Educativo, chega a cerca de 50.000 participantes, promovendo o acesso à música, a criatividade e o bem-estar.

Com o seu apoio, a Casa da Música pode chegar a mais escolas e territórios, reforçar a inclusão e acessibilidade, alargar o acesso gratuito a concertos e atividades, apoiar jovens talentos e desenvolver novos projetos pedagógicos.

COMO CONSIGNAR 1% DO SEU IRS?

No quadro 11 da Declaração Modelo 3 do IRS, selecione "Instituições culturais com estatuto de utilidade pública" e inscreva o NIF 507 636 295.

Se tem IRS Automático, no momento da confirmação assinale a caixa que indica que pretende consignar 1% do seu IRS e inclua o NIF da Fundação Casa da Música.

Este contributo não tem qualquer custo para si e não afeta o seu reembolso.

O seu IRS faz a diferença. Juntos, levamos a música mais longe.